

A NOVA CONCEPÇÃO DE BECHARA ACERCA DO GÊNERO DOS NOMES EM PORTUGUÊS⁷²

José Mario Botelho
(UERJ e ABRAFIL)

“Eis uma opinião da qual não mudo:
Se a mudança necessária for
E para um mal reparar,
Por que não mudar?!
(– Ser sensato é tudo!).”
(Mario Botelho, 1990)

Introdução

Não há dúvida nenhuma de que a concepção do gênero gramatical dos nomes em português não é unânime entre os nossos estudiosos. Não o é por questões óbvias: ainda não conseguimos definir, com clareza e precisão, o fenômeno da flexão, em torno do qual gira a questão em si.

A falta de unanimidade acerca da concepção do gênero gramatical dos nomes substantivos, em especial, não representa tão-somente a discordância entre os estudiosos do assunto. De fato, o tema recebeu abordagens diversas entre os que digressionaram sobre ele, mas também podemos constatar mudanças na concepção de um mesmo estudioso.

Não obstante, não vemos na mudança de concepção senão uma evolução do pensamento crítico, fundada numa postura epistemológica, a qual é e deve ser fundamental de todos os pesquisadores. O pesquisador deve, pois, constantemente rever os resultados de suas pesquisas e os de outros, visando a determinar de forma lógica seus fundamentos, seu valor e sua repercussão. Em outros termos, o estudioso sério e que tem o compromisso com a verdade científica deve sempre refletir sobre o seu próprio fazer científico. E, como nos sugere a epígrafe, deve-se sempre procurar a verdade, e por que não mudar de opinião quando se chega a uma nova conclusão?

No que se refere ao gênero gramatical dos nomes portugueses e a distribuição dos substantivos em gênero, Bechara é um exemplo de um estudioso que busca a verdade científica. Não teve receio em apresentar, com humildade, uma nova abordagem na última edição de sua *Moderna Gramática do Português* (1999), como já o fizera a respeito de outros temas em edições anteriores. Aliás, essa evolução do pensamento lingüístico do Mestre pernambucano medeia a sua gramática desde a sua primeira edição em 1961.

⁷² Este texto, que constitui um resenha crítica de diferentes edições da *Moderna Gramática do Português*, refere-se à palestra-aula proferida em fevereiro de 2008, durante a VIII Semana Nacional de Língua Portuguesa da ABRAFIL, em homenagem aos 80 anos de Evanildo Bechara.

Bechara, que também é um lingüista, vem acompanhando as diversas abordagens lingüísticas das diferentes correntes ao longo do tempo. Não se limitou, de forma rígida, a repetir conceitos tradicionais; sempre demonstrou refletir sobre eles e aceitá-los convenientemente, mas sem se tornar inflexível.

Eis o porquê de ter concebido a noção tradicional do gênero dos substantivos, como o fez o Prof. Manoel Said Ali Ida, até 1999. Novas são as abordagens sobre o assunto; lúcido, não poderia fazer outra coisa senão refletir sobre aquela concepção, que ainda tem os seus adeptos e, por conseguinte, deve ser respeitada, como o faz o Mestre.

Sobre essa postura, fala-nos no Prefácio da 1.^a à 36.^a edição de sua *Moderna Gramática Portuguesa* (1999, p. 21-2): “Não se rompe de vez com uma tradição secular: isto explica por que esta Moderna Gramática traz uma disposição da matéria mais ou menos conforme o modelo clássico”.

Acresce, nesse Prefácio, que a obra daria novo tratamento para muitos temas, cuja abordagem não poderia ser feita sob os mesmos prismas, apresentados pela Tradição Gramatical. Daí, já nessa 1.^a edição, ter o autor apresentado uma revisão em muitos assuntos, alguns dos quais com um desenvolvimento ainda inusitado para aquela época.

Na Morfologia, por exemplo, Bechara ressalta a contribuição da lingüística americana, mormente na descrição da estruturação e formação dos vocábulos. Assevera que a obra fora escrita em conformidade com a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) e que a existência de termos que não se encontram naquela nomenclatura não representa nenhuma desobediência ou discordância do seu texto, mas uma complementação.

Termina o seu Prefácio, fazendo alusão ao saudoso amigo Said Ali, do qual é discípulo. Aliás, não foi por acaso que Bechara foi o responsável pela revisão da 8.^a edição da *Gramática Secundária da Língua Portuguesa* (1964), de Said Ali. Três anos antes, Bechara tinha apresentado ao público a 1.^a edição da sua *Moderna Gramática Portuguesa*, na qual se constata as influências do referido estudioso, principalmente na questão da categoria genérica dos nomes portugueses.

Decerto, a abordagem feita atualmente, a qual se pode observar na recente edição de sua obra (*Op. cit.*), não enfatiza mais tais influências, porquanto o modelo metodológico adotado nessa nova fase da obra, como um todo, é outro: mais teórico, que didático.

Em relação ao gênero, por exemplo, Bechara procura respaldo na teoria do lingüista português Herculano de Carvalho, que digressiona sobre o fenômeno da formação de feminino dos nomes (substantivos e adjetivos) da língua portuguesa. Em muitos outros temas, fundamenta-se em Eugenio Coseriu, lingüista romeno. Também há referências a Said Ali e Câmara Jr., o que comprova a sua habilidade de transitar entre o antigo e o moderno, aproveitando o que as fases da evolução do pensamento

linguístico-gramatical têm de melhor, comprovando que nem aquela está ultrapassada, nem esta é fruto de modismo. Anunciara essa postura no Prefácio da 1.^a edição de 1961 e o corrobora no da 37.^a edição, em que cita Herculano de Carvalho e Eugenio Coseriu e renova as referências a Said Ali e a Câmara Jr. (*Ibibem*, p. 19-20).

Assim, o objetivo desta resenha crítica é comprovar a evolução da concepção do gênero gramatical dos nomes portugueses, mormente em função substantiva, na *Moderna Gramática Portuguesa*, e a contemporaneidade conveniente do seu autor, Evanildo Bechara.

Para isso, vamos utilizar a 1.^a e 16.^a edições, em que se verifica uma concepção; a 17.^a e a 36.^a edições, nas quais se observa praticamente aquela mesma concepção inicial, e a 37.^a edição, em que se comprova uma nova concepção. Como este artigo pretende ser uma resenha crítica, será inevitável o cotejo da seleção dos trechos das obras citadas com os de outros autores, seguido de comentários pertinentes.

A antiga concepção e sua contemporaneidade

Como já foi enfatizado na nossa introdução, Bechara foi amigo do Prof. Said Ali, do qual é discípulo e do qual sua obra sofreu influências, como constatamos.

Na verdade, a obra de Said Ali constitui-se num modelo de estudos gramaticais. Eis o porquê de serem bem semelhantes as gramáticas e os compêndios gramaticais dos autores contemporâneos.

Comparando o conteúdo dos estudos gramaticais de Celso Cunha, por exemplo, com o conteúdo dos estudos gramaticais de Bechara, praticamente não encontramos dissensões. São, pois, abordagens semelhantes, apesar de suas particularidades: num determinado tema, cada autor enfatiza certas características de forma conveniente, sem modificar-lhes o âmago.

Embora pareça que Celso Cunha tenha recebido influências de Jespersen, Jakobson, entre outros estrangeiros, como o próprio autor declara no Prefácio de sua *Gramática da Língua Portuguesa* (1976), e de Câmara Jr, Oscar Lopes, Mira Mateus, entre outros, como se comprova no Prefácio de sua *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (1985), a semelhança entre os estudos de Said Ali, de Celso Cunha e de Bechara é flagrante.

Não se pode deixar de considerar a natureza do estudo em si: trata-se de estudos gramaticais de caráter normativo, cujos parâmetros de um modelo tradicional devem ser observados.

Em cotejo com a *Gramática Secundária da Língua Portuguesa* (*Op. cit.*), de Said Ali, com que muito se assemelham as gramáticas de Celso Cunha, de Bechara e de outros contemporâneos, podemos deduzir que o modelo utilizado foi aquela obra de Said Ali.

No que se refere à descrição do gênero dos nomes portugueses, mormente em função substantiva, não há dúvida nenhuma:

Gênero do substantivo – A nossa língua conhece dois gêneros: o masculino e o feminino.

São masculinos os nomes a que se pode antepor a palavra *o*: o linho, o sol, o raio, o prazer, o filho, o beijo.

São femininos os nomes a que se pode antepor a palavra *a*: a flor, a casa, a mosca, a nuvem, a mãe. (BECHARA, 1961, p. 100)

Gênero:

1. Há dois gêneros em português: Masculino e o Feminino.

O masculino é o termo não marcado; o feminino é o termo marcado.

2. Pertencem ao gênero masculino todos os substantivos a que se pode antepor o artigo *o*: o aluno, o pão, o poema, o jabuti.

Pertencem ao gênero feminino todos os substantivos a que se pode antepor o artigo *a*: a casa, a mão, a ema, a juriti. (CELSO CUNHA; CINTRA, 1985, p. 182)

Percebe-se que em Celso Cunha e Cintra há uma contribuição de Câmara Jr., devido à referência aos termos “marcado” e “não-marcado” e suas noções lingüísticas⁷³. Eles também apresentaram exemplos em pares convenientes: “aluno–aluna, pão–mão, poema–ema, jabuti–juriti”, enfatizando a terminação dos respectivos nomes.

Fora essas particularidades, a semelhança entre as abordagens é inegável. Assemelham-se a descrição, a estética e até os vocábulos e as estruturas lingüísticas.

Também encontramos em Celso Cunha e Cintra (1985, p. 183-4), e já constava nas gramáticas anteriores de Celso Cunha (1969, 1971 e 1976), uma distribuição dos substantivos em gênero, à semelhança do que fizera Said Ali (*Op. cit.*, p. 33-4).

Assim como Said Ali, Celso Cunha e Cintra distribuíram os substantivos em gênero quanto à significação e quanto à terminação. Tal distribuição não foi privilegiada por Bechara, que, após definir o gênero do substantivo, procurou descrever o processo de formação do feminino.

Convém ressaltar que a estrutura: “O masculino é o termo não marcado; o feminino é o termo marcado.”, não consta nas edições da *Gramática do Português Contemporâneo* (1969) quando somente Celso Cunha assinava como seu autor, nem na sua *Gramática Moderna* (1971), nem na sua *Gramática da Língua Portuguesa* (1976).

Quanto à “Formação do feminino”, Bechara descreve os processos de indicação do sexo feminino à semelhança da descrição do sexo feminino feita por Said Ali. Celso Cunha e Cintra também fazem referência à indicação do sexo feminino no subitem “Formação do feminino”.

73 Convém assinalar que a referida contribuição não se verifica nas edições anteriores e nem nas outras obras de Celso Cunha.

Assim como o fizeram Celso Cunha e Cintra, sob o modelo de Said Ali, Bechara procurou descrever, exemplificando, os diversos processos de formação do feminino dos nomes substantivos.

Quanto à indicação do feminino com mudança ou acréscimo na terminação, Bechara apresenta exemplos do tipo: “filho–filha”, “anão–anã”, “doutor–doutora”, “parente–parenta” e juiz–juíza”.

Apresenta exemplos de nomes, cuja indicação do sexo feminino se efetiva com um sufixo, do tipo: “conde–condessa”, “duque–duquesa” e “poeta–poetisa”; outros com terminações variadas (ou que não se enquadram nos casos precedentes), do tipo: “ateu–atéia”, “avô–avó”, “grou–grua”, mandarim–mandarina” e “rapaz–rapariga”; outras mais, cuja indicação se faz com uma palavra diferente (ou por heteronímia), do tipo: “homem–mulher”, “pai–mãe”, “boi–vaca” e “cavalo–égua”; e finaliza, apresentando nomes, para cuja indicação do sexo se utiliza de uma palavra auxiliar, formando um sintagma nominal, do tipo: “o estudante–a estudante”, “cobra macho–cobra fêmea”, “o macho do jacaré–a fêmea do jacaré”. A esses dois últimos exemplos, como o faz a tradição, refere-se como sendo casos de gênero epiceno e àquele primeiro, como sendo caso de gênero comum de dois. Também faz referência a nomes de gênero sobrecomum, que são aqueles de “um só gênero gramatical que se aplicam indistintamente, a homens e a mulheres: o algoz, o carrasco, o cônjuge, a criatura, (...), a vítima” (1961, p. 108).

Depois, faz alusão ao “Gênero estabelecido por palavras ocultas”, do tipo: “o (rio) Amazonas”, “o (vinho) champanha” e a movimentada (ilha do) Governador”.

Em seguida, refere-se à “mudança de sentido na mudança de gênero”, que ocorre quando certos substantivos masculinos ou femininos têm seu gênero definido pelo sentido de seu emprego: “o cabeça–a cabeça”, “o moral–a moral”.

Apresenta os gêneros de substantivos, que oferecem dúvidas: os masculinos: “dó, grama, lança-perfume, telefonema”, entre outros; e os femininos: “cal, cólera, libido”, entre outros; e finaliza, apresentando um pequeno rol de substantivos que apresentam mais de uma forma de feminino a eles relacionados: “aldeão–aldeã e aldeoa” e “pardal–pardoca, pardaloca e pardaleja”.

Celso Cunha e Cintra (*Op. cit.*) apresentam a mesma descrição, porém faz referência à desinência de gênero feminino “-a”, quando trata de formações com o acréscimo da marca de gênero, e também à desinência de gênero masculino “-o”.

Regras Gerais:

1.ª) Os substantivos terminados em -o átono formam normalmente o feminino substituindo essa desinência (grifo nosso) por -a. (*Idibidem*, p. 185)

Assevera que tais substantivos designadores de pessoas e animais “costumam flexionar-se em gênero” (*Idibidem*, p. 184) na indicação do sexo feminino.

Também fazem alusão aos “Substantivos epicenos, sobrecomuns e comuns de dois”; à “Mudança de sentido na mudança de gênero”; à “definição do gênero de certos substantivos”; e a “Substantivos de gênero vacilante”.

Em Bechara, contudo, a partir da 17.^a edição, não encontramos nenhuma referência direta ao fenômeno da flexão de gênero nos substantivos. Há apenas uma indicação subliminar de ser flexão a formação de feminino com o acréscimo da marca de gênero feminino “-a” nos nomes substantivos em:

Flexões do adjetivo – como no substantivo, o adjetivo pode variar em número, gênero e grau. (BECHARA, 1971, p. 89)

O autor se utiliza do termo “variar”, que é conveniente em relação aos fenômenos de formação de número (que é uma flexão⁷⁴), de gênero (que nos adjetivos é flexão) e de grau (que é ora derivação, ora estruturação sintagmática, tanto nos adjetivos como nos substantivos), e faz alusão a essas variações em cotejo com as do substantivo sob o título de “flexões do adjetivo”.

Embora o texto seja ambíguo, não devemos entendê-lo como uma tomada de decisão por parte do autor quanto a conceber flexão o que ocorre com os nomes quando variam em número, gênero e grau e, mormente, o que ocorre com a variação de grau também com o adjetivo.

Não devemos, pela simples constatação da falta de uma referência explícita na abordagem feita. Também podemos pensar na possibilidade de ser um esquecimento, já que o texto, como um todo, praticamente repete o da 1.^a edição. Bechara, pois, não volta a falar de flexão nem mesmo quando trata da formação de gênero feminino dos adjetivos.

De fato, o autor só volta a suscitar o fenômeno da flexão de gênero e de número nos substantivos quando trata da “Estrutura dos vocábulos”:

As desinências nos nomes e em certos pronomes denotam as flexões de gênero e número; nos verbos número, pessoa, tempo e modo. (*Idibidem*, p. 168)

Esse trecho também repete o texto das edições anteriores e se repete na atual (sem reformulação⁷⁵).

Não obstante, mesmo nesse texto, a concepção da flexão de gênero feminino nos nomes substantivos é tênue, indireta e, por conseguinte, questionável. Os nomes (substantivos e adjetivos e, segundo Câmara Jr., os advérbios) podem ser suscetíveis à flexão de gênero e de número, mas não exatamente os substantivos. Pelo menos é o que podemos depreender do texto sobre o assunto, que consta na 17.^a edição – de 1971 –, e se repete até a 36.^a edição, que usamos nessa pesquisa.

74 Por motivos óbvios: “sistemático, fechado, obrigatório e, nos adjetivos, congruente – que estabelece concordância com o núcleo substantivo, a que se refere”.

75 Cf. 1999, p. 337. Há apenas a substituição de “denotam” por “marcam”. Convém lembrar que esse capítulo (“Estrutura das Palavras: Palavras e Morfema”) foi bastante alterado.

Da 1.^a à 16.^a edição, porém, o autor faz a seguinte asserção:

Formação do feminino

Os substantivos que designam pessoas e animais se flexionam em gênero (grifo nosso) e apresentam, quase sempre, duas formas diferentes: uma para indicar os seres do sexo masculino e outra para os seres do sexo feminino: filho – filha, pai – mãe, rapaz – rapariga (*sic*). (*Idem*, 1961, p. 99-100)

O referido trecho foi eliminado na 17.^a edição. O que nos leva a pensar que até então Bechara considerava o fenômeno de formação de feminino dos nomes substantivos uma flexão. É bem provável, inclusive, que a concepção do que vinha a ser “flexão” não era algo bem definido para o Mestre, que também afirmava que “a flexão gradual do substantivo se realiza por dois processos: (...)” (1961, p. 105)⁷⁶. Eis a razão de o autor ter tratado do fenômeno da formação de feminino dos nomes substantivos de forma comedida nas edições posteriores, sem asseverar em favor da flexão nesse caso.

Assim, o autor pôde repensar o tema durante esses 28 (vinte e oito) anos, de modo que pudesse apresentar uma nova concepção na 37.^a edição de sua gramática, na qual o referido trecho é retomado com a conveniente alteração:

Formação do feminino – Os substantivos que designam pessoas e animais manifestam o gênero (grifo nosso) e apresentam, quase sempre, duas formas diferentes: uma para indicar os seres do sexo masculino e outra para os seres do sexo feminino: filho – filha, pai – mãe, rapaz – rapariga. (*Idem*, 1999, p. 134)

A nova concepção: uma questão de coerência

No final do item anterior, apresentamos um dado que comprova a postura epistemológica do eminente estudioso, que retoma, em 1999, com uma pequena alteração, a asserção feita em 1961 e abandonada (digamos, suspensa para análise e reflexão) em 1971.

Comprova-se que a sua concepção em torno da formação do feminino, com o acréscimo da marca de gênero “-a”, em nomes substantivos, evoluiu. Primeiramente, Bechara via nesse caso uma flexão (de 1961 a 1971); depois, analisou e refletiu sobre o caso e, de forma comedida, abandonou o assunto sem se colocar a favor da antiga concepção efetivamente (de 1971 a 1999); e atualmente, declara não se tratar de flexão o referido fenômeno.

Todo substantivo está dotado de gênero, que, no português se distribui entre o grupo do masculino e o grupo de feminino. (...) Só que esta terminação genérica

⁷⁶ Cf. O trecho das edições posteriores é: “a indicação gradual do substantivo se realiza por dois processos: (...)” (BECHARA, 1978, p. 87) e “a derivação gradativa do substantivo se realiza por dois processos, numa prova evidente de que estamos diante de um processo de derivação, e não de flexão: (...)” (*Idem*, 1999, p. 140)

não se manifesta no substantivo da mesma maneira que está representada no adjetivo ou no pronome, por exemplo, isto é, pelo processo da flexão. (*Idibidem*, p. 131-2)

Na atual edição de sua obra, o texto que trata do assunto sofreu significativas alterações: trechos refeitos, e outros, acrescidos. O próprio capítulo (II – Morfologia) se transformou (**II – Gramática descritiva e normativa: As Unidades no Enunciado**). Depois, o que era “A) Classes de vocábulos” passou a ser “A) Formas e funções”, anunciando uma consciência em relação à confusão entre classes e funções. Nesse item, o autor esclarece-nos os conceitos de classes de palavras e de categorias gramaticais, à luz dos ensinamentos de Coseiu.

Apresenta uma definição reelaborada para “substantivo” e, quando trata de gênero do substantivo, acresce àquela antiga asserção sobre os dois gêneros: masculino e feminino, um longo texto de três páginas, antes de tratar de “formação do feminino”. Nesse texto, o autor é categórico, em afirmar:

Apesar de haver substantivos em que aparentemente se manifeste a distinção pela flexão (menino/menina, mestre/mestra, gato/gata), a verdade é que a inclusão num ou noutro gênero depende direta e essencialmente da classe léxica dos substantivos e (...). (*Idibidem*, p. 132)

Vê-se claramente que a concepção de que não se trata de uma flexão a formação do feminino nos substantivos é uma tomada de decisão. Tanto o é que, apesar de reconhecer que em alguns substantivos “aparentemente se manifesta a distinção genérica pela flexão”, afirma que a inclusão de tais formas depende fundamentalmente do próprio substantivo, i. é, todos os substantivos têm gênero imanente, e não é porque há alguns pares de substantivos em oposição genérica (masculino/feminino) que devemos conceber as classes dos masculinos e dos femininos; concebemo-las porque as formas adjetivas, a eles periféricas (artigo, adjetivo ou pronome) se nos apresentam em um daqueles gêneros, em congruência genérica com o respectivo núcleo substantivo.

Bechara se apóia na concepção de Herculano de Carvalho (1969), que vê em pares do tipo: “homem–mulher”, “filho–filha”, “conde–condessa” e “barco–barca”, palavras diferentes para significar, naqueles, o macho ou a fêmea de um indivíduo, e neste, uma especialização ou uma qualidade semântica.

É que Herculano de Carvalho trabalha com a concepção de lexema sob a mesma perspectiva desenvolvida por Matthews (1974) e de atualizadores léxicos. Nas formações de novas palavras femininas, a partir de uma forma-base masculina, o atualizador léxico sufixal “-a” acumula a função categorial de gênero feminino. Logo, são formas atualizadas e não, formas flexionadas:

Sem ser função precípua da morfologia do substantivo, a diferença do sexo nos seres animados pode manifestar-se ou não com diferenças formais neles. Esta

manifestação se realiza ou pela mudança de sufixo (como em menino/menina, gato/gata) – é a moção –, ou pelo recurso a palavras diferentes que apresentam para cada um dos sexos – é a heteronímia (homem/mulher, boi/vaca). (*Idibidem*, p. 132-3)

Depois, Bechara ainda apresenta uma digressão sob o título “Inconsistência do gênero gramatical”, em que compara a distribuição dos substantivos em gênero do português com outras línguas. A apreensão do gênero de certos substantivos não é igual em todas as línguas (o sol: “die Sonne” – feminino em alemão; a lua: “der Mond” – masculino em alemão; a mulher: “das Weib” ou “die Frau” – neutro ou feminino em alemão; o sal, o leite, o sangue: “la sal, la leche, la sangre” – femininos em espanhol; a manhã, a viagem, a refeição: “le matin, le voyage, le repas” – masculinos em francês; o cigarro, o refrigerante, o ano: “la cigarette, la soda, la année” – femininos em francês).

Sob o título “A mudança de gênero”, apresenta alguns casos de palavras que, ao longo da história, passaram de um gênero a outro (“mar”, hoje é masculino; “tribo”, hoje é feminino; etc.).

Sob o título “O gênero nas profissões femininas”, também apresenta uns casos interessantes de coerções sociais, em que palavras masculinas passaram a apresentar uma forma feminina (mestra, juíza, etc.).

Em seguida, passa a tratar da “Formação de feminino”. Nesse item, como já consideramos anteriormente, Bechara retoma aquele trecho, que fora eliminado na edição de 1971. Há uma alteração na ordem dos itens; um desenvolvimento na descrição das formas em “-ão”; e uma alteração na descrição de formas em “-eu”. Fora isso, não há alterações significativas na descrição apresentada, que praticamente repete a de 1961. O autor também inclui o item “Gênero de composto” (p. 139), antes de finalizar essa seção.

Quando trata das “Flexões do adjetivo” (p. 145), constata-se que aquela ambigüidade estabelecida pelo termo “variar” e pela referência às variações do substantivo deixa de existir, uma vez que o autor apresenta o seguinte texto:

Flexões do adjetivo – O adjetivo se combina com certos signos gramaticais para manifestar o número, o gênero e o grau. (*Ibidem*, p. 145)

Embora apresente outro tipo de ambigüidade, por falta de esclarecimento acerca do que denominou “certos signos gramaticais”, no que se refere à variação de gênero do substantivo não se depreende mais um fenômeno de flexão, porquanto não há mais o cotejo com o que ocorre com o substantivo⁷⁷.

⁷⁷ Convém ressaltar que a ambigüidade em relação à variação de grau do adjetivo é desfeita com um longo trecho (Cf. p. 145) acrescido àquele da citação. Melhor seria, se se substituísse o título do item para “**Variações do adjetivo**”.

Convém ressaltar que, quando trata da estrutura das palavras, autor repete aquela referência a desinências que marcam (em lugar de “denotam”) as flexões de gênero e número nos nomes e em certos pronomes (Cf.: p. 337).

Ainda no capítulo “1 – Estrutura das Palavras: Palavras e Morfemas” (p. 341), que foi totalmente reformulado, Bechara inclui um sintético item sobre a diferença entre flexão e derivação, que, sobre não ser esclarecedor, gera um outro problema. Senão, vejamos:

Diferença entre flexão e derivação – A flexão consiste fundamentalmente no morfema aditivo sufixal acrescido ao radical, enquanto a derivação consiste no acréscimo ao radical de um sufixo lexical ou derivacional: casa + s: casas (flexão de plural); casa + inha: casinha (derivação). (*Idibidem*, p. 341)

É possível perceber que o fenômeno da flexão ainda nos oferece problemas; o autor distingue flexão de derivação na base do tipo de morfema aditivo: àquele relaciona o morfema sufixal (grifo nosso, porquanto pensamos ter havido ou uma substituição ou a falta do termo “flexional”); a este, um sufixo lexical ou derivacional.

De fato, são sufixos diferentes, mas ambos são morfemas sufixais: o flexional, categórico, e o derivacional, lexical. Isto é, o morfema (ou sufixo) categórico se relaciona à flexão e o morfema (ou sufixo) lexical, à derivação.

Uma contradição se estabelece no momento em que o autor faz alusão ao feminino de “avô” (que se grafou “avô” em lugar de “avó”): “Quando falta o morfema aditivo à flexão, e só há alternância, a forma diz-se *forte*: avô → avô (*sic*) ou, (...)” (p. 341). Se o feminino de “avô” se dá por meio da flexão, com a falta do “morfema categórico”, a formação de feminino com o acréscimo do referido morfema também deverá ser uma flexão.

Decerto, esse trecho precisa ser reformulado e convenientemente adequado à descrição apresentada na seção sobre o gênero do substantivo, de modo que não ofereça nenhuma dúvida a concepção de ser uma derivação e não uma flexão o fenômeno de formação de feminino nos substantivos em português.

Assim, poderemos ter a certeza de que o autor realmente corrobora a concepção de Herculano de Carvalho, a qual se pode depreender na seguinte citação feita pelo próprio Bechara:

Não é o fato de em português existirem duas palavras diferentes – *homem / mulher, pai / mãe, boi / vaca*, e ainda *filho / filha, lobo / loba* (das quais estas não são formas de uma flexão, mas palavras diferentes tanto como aquelas) – para significar o indivíduo macho e o indivíduo fêmea (duas espécies do mesmo “gênero”, em sentido lógico) que permite afirmar a existência das classes do masculino e do feminino, mas, sim, o fato de o adjetivo, o artigo, o pronome, etc., se apresentarem sob duas formas diversas exigidas respectivamente por cada um dos termos de aqueles pares opostos –, “este homem velho” / “esta

mulher velha”, “o filho mais novo” / “a filha mais nova” –, formas que de fato constituem uma flexão. (HERCULANO DE CARVALHO apud BECHARA, *ibidem*, p. 132)

Considerações finais

Ao chegar ao final desta resenha crítica, esperamos ter alcançado o objetivo proposto na Introdução: comprovar a evolução da concepção de Bechara acerca do gênero gramatical dos nomes substantivos na língua portuguesa.

Para isso, utilizamos as 1.^a, 17.^a e 37.^a edições, em que constatamos dados diversos acerca da concepção do gênero gramatical, a partir dos quais se observam as diferentes abordagens e se pode chegar a referida comprovação.

Copilamos diversos trechos das obras citadas, seguidos de comentários pertinentes, e comparamos com trechos de obras de Celso Cunha e de Herculano de Carvalho, estudiosos contemporâneos de Bechara. Assim, pudemos observar melhor a natureza da mudança da concepção de Bechara desde a época de seu Mestre Said Ali até os nossos dias.

Vimos que o autor vem acompanhando as diversas abordagens lingüísticas das diferentes correntes ao longo do tempo. Adotou inicialmente uma noção tradicional do gênero dos substantivos; refletiu sobre aquela concepção, deixando-a de lado por um tempo; e adotou uma nova concepção, segundo a qual a formação de palavras femininas com o acréscimo da marca de gênero “-a” a uma forma-base masculina não caracteriza o fenômeno da flexão, mas, sim, o fenômeno da derivação.

Essa sua atitude epistemológica não só demonstra a essencial postura acadêmica que o estudioso deve ter na busca da verdade científica dos fatos, como também, e sobretudo, comprova a complexidade que envolve o tema em questão.

De fato, o fenômeno da flexão ainda desafia os estudiosos; Herculano de Carvalho, por exemplo, demonstrou a sua dificuldade em conceituar flexão e considerou deficiente a sua própria definição ao declarar humildemente que “não conhecemos senão empiricamente o que seja o fenômeno designado pelo nome flexão” (*Op. cit.* p. 117). Daí, ter preferido demonstrar a flexão de número e de gênero dos nomes e de tempo e modo e número e pessoa dos verbos a partir do que denominou “paradigma flexional” ou “paradigma de flexão”⁷⁸.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de Gramática do Português*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nacional, 1961.

_____. *Moderna Gramática Portuguesa*. 16. ed., Rio de Janeiro: Nacional, 1971.

⁷⁸ Cf. Nosso *O Gênero imanente do substantivo em português* (BOTELHO, 2004, p. 20-7).

- _____. *Moderna Gramática Portuguesa*. 17. ed., Rio de Janeiro: Nacional, 1978.
- _____. *Moderna Gramática Portuguesa*. 36. ed., Rio de Janeiro: Nacional, 1995.
- _____. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed., Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BOTELHO, José Mario. *O Gênero Imanente do Substantivo no Português*. Rio de Janeiro: Botelho, 2004.
- CÂMARA Jr., Joaquim Matoso. *Dispersos*. Seleção e introdução por Carlos Eduardo Uchôa. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.
- CUNHA, Celso. *Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Bernardo Alves, 1969.
- _____. *Gramática Moderna*. 3. ed., Rio de Janeiro: Bernardo Alves, 1971.
- _____. *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Bernardo Alves, 1976.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luis F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- HERCULANO DE CARVALHO, José Gonçalo. "Subseção do verbete CATEGORIAS GRAMATICAIIS" In: *Enciclopédia luso-brasileira de cultura*. Lisboa: Verbo, V. 4, 1969, p. 1528-9.
- _____. "Atualizadores Léxicos" In: *Revista de Cultura*, 67(5). Petrópolis: Vozes, 1973, p. 385-96.
- _____. *Teoria da Linguagem: Natureza do Fenômeno Lingüístico e a Análise das Línguas*. Vol II, 4. Imp., Coimbra: Coimbra, 1984.
- MATTHEWS, P. H. *Morphology: An Introduction to the Theory of Word-Structure*. London: Cambridge University Press, 1974.
- SAID ALI, M. *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*. Revista e comentada pelo Prof. Evanildo Bechara. 8. ed., Rio de Janeiro: Edições Melhoramentos, 1964.
- SANDMANN, Antônio J. *Morfologia Lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.